

**Oportunidades para o turismo criativo em Alagoas, Brasil:
o caso da renda ‘Singeleza’ em Paripueira¹**

DOI: 10.2436/20.8070.01.112

Débora de Barros Cavalcanti Fonseca

PhD em Planejamento Urbano, LSE, Reino Unido
Professora Adjunta 1 da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFAL, Brasil
E-mail: debora.cavalcanti@fau.ufal.br

Lindemberg Medeiros de Araujo

PhD em Turismo, Sheffield Hallam University, Reino Unido
Professor Associado I do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente,
UFAL, Brasil
E-mail: lindemberg@igdema.ufal.br

Adriana Guimarães Duarte

Mestre em Dinâmica do Espaço Habitado DEHA/UFAL, Brasil.
Doutoranda pelo Programa Cidades PPGAU/UFAL, Brasil.
E-mail: guimaraes.dri@gmail.com

Resumo

O turismo criativo apresenta-se como uma alternativa de desenvolvimento transformador envolvendo pessoas, comunidades e turistas em uma relação de troca valorizando os saberes locais. No caso de Alagoas, um dos mais pobres estados brasileiros, mas com um potencial ambiental e cultural reconhecido mundialmente, onde predomina o turismo de massa, normalmente excludente, o turismo criativo pode ser uma opção para a sobrevivência das comunidades e a conservação ambiental e valorização da cultura local. Alagoas detém a maior diversidade nacional de manifestações culturais populares. O Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas vem identificando, documentando e registrando bens culturais, de natureza imaterial, atingindo cerca de 1.000 referências com possibilidades de gerar produtos, serviços e experiências turísticas. Alagoas, ao longo dos anos, passa por uma inércia na sua economia baseada na produção de açúcar e álcool, o que resulta na pobreza da maioria da população. Sua estrutura urbana está baseada em pequenas cidades e áreas

¹ Trabalho submetido ao evento Creatour 2018, realizado nos dias 07 e 08 de junho na Universidade do Minho em Braga, Portugal.

rurais onde vive 1/3 da população total. O caso da renda Singeleza no município de Paripueira ilustra o potencial transformador do turismo criativo no panorama da cultura e economia alagoana. Artesãs melhoram seu rendimento familiar e autonomia ao comercializarem a renda. Registrado como bem cultural de natureza imaterial, em 2013, a comercialização da Singeleza também colabora com a revalorização da renda que esteve em risco de extinção. A sua confecção, embora permaneça limitada a grupos localizados em pequenos municípios, encontra-se fortalecida pela relação afetiva que permeia sua aprendizagem, transmitido de forma geracional pelas mães e avós.

Palavras-chave: Pobreza. Pequenas cidades. Patrimônio Cultural. Sustentabilidade dos territórios.

1 INTRODUÇÃO

A atividade turística tem alcançado no mundo inteiro uma importância econômica e cultural transformadora, para o bem e para o mal, de destinos e seus territórios. O desenvolvimento das atividades de turismo é potencialmente benéfico em termos de criação de empregos diretos e indiretos e, conseqüentemente, pode contribuir para ampliar os circuitos de renda. Destaca-se também o papel potencial de valorização e difusão dos patrimônios históricos, artísticos, culturais e ambientais das localidades, podendo contribuir, portanto, para a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores. No entanto, o turismo também tem a possibilidade de tornar pior as condições de trabalho e de vida das populações residentes. Estudos apontam para a precarização das condições de trabalho e para a ampliação de problemas correlatos como o aumento da criminalidade, prostituição e impactos negativos nos estilos de vida tradicionais, incluindo a segregação sócio-espacial. A especulação imobiliária e a expulsão dos moradores tradicionais de áreas valorizadas pelo turismo acontecem com frequência, demonstrando a necessidade de planejamento e regulação estatal da atividade (Kaspary e Araujo, 2013) que podem auxiliar a estabelecer o equilíbrio sócio-espacial no desenvolvimento turístico.

O turismo de massa tem seu valor no sentido que populariza a possibilidade de lazer para uma parcela cada vez maior da população. No Brasil houve uma ampliação do acesso ao turismo durante os anos do Governo Lula que criou o Ministério do Turismo (MTur), e lançou sucessivos planos de governo da área. Por exemplo, o “Plano Nacional de Turismo (PNT) 2007/2010: uma viagem de inclusão”, aponta para uma visão política do turismo como um vetor de inclusão dos mais pobres nos resultados provenientes da atividade. Neste sentido buscou-se que o turismo, sobretudo, cumprisse sua função social. Deveriam ser incluídos novos clientes para o turismo interno, novos destinos, novos segmentos de turistas, mais turistas estrangeiros, mais divisas para o Brasil, novos investimentos, novas oportunidades de qualificação profissional, novos postos de trabalho, para assim contribuir com a redução das desigualdades regionais “para fazer do Brasil um país de todos” (PNT, 2007, p. 7-8). Ou seja, buscou-se ampliar o acesso ao turismo. No entanto, o discurso não correspondeu à prática, o que mais se desenvolveu foi o turismo de massa na sua perspectiva mais agressiva e dilapidadora dos recursos naturais. O caso de Alagoas é emblemático, pois sendo um dos estados mais pobres do Brasil (IDHM, 2013), mas com grande potencial ambiental e cultural, o turismo de massa é predominante. Ou seja, o turismo de massa como alavanca de desenvolvimento pode se constituir na ‘morte da galinha de ovos de ouro’, pois tem o potencial de destruir os recursos que lhe dão sustentação.

Neste cenário surge o turismo criativo, o qual é definido por Richards e Raymond (2000) como um tipo de turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver um potencial criativo, através da sua participação ativa em experiências de aprendizagem, as quais ocorrem nos destinos visitados; ele representa uma forma alternativa de desenvolvimento turístico que se propõe a envolver pessoas, comunidades e turistas em uma troca baseada nos valores do conhecimento local. Experiências positivas ao redor do mundo, na linha do turismo criativo, demonstram a possibilidade de se ter um turismo inclusivo que aja de forma complementar e equilibrada em relação às atividades tradicionais, de modo que ocorra uma efetiva inclusão e participação da comunidade local no seu desenvolvimento.

Este artigo, portanto, desenvolve seu argumento em torno das possibilidades do turismo criativo em Alagoas, destacando a experiência de preservação de um bem cultural, um modo de fazer renda, próprio de uma região de Alagoas que ao ser executado contribui para o fortalecimento das comunidades locais. Esse modo de fazer pode ser fomentado como um atrativo relacionado ao turismo criativo, pois envolve arte, experiência, baixa intensidade e preservação da cultura local. O artigo baseia-se em entrevistas de uma pesquisa em andamento para pensar em formas alternativas de desenvolver turismo em um Estado, onde o turismo de massa é o modelo dominante, com graves custos socioambientais e culturais.

Após esta introdução, o artigo se desenvolverá em torno de uma construção teórica acerca dos impactos do turismo de massa em regiões financeiramente pobres, como Alagoas; em seguida enfatiza-se como o turismo criativo poderia aportar como alternativa. A segunda seção vai tratar do potencial urbano e cultural de Alagoas apresentado como uma rede urbana de pequenas cidades com grande e variado acervo cultural. Na terceira seção tratar-se-á da “renda Singeleza” como um exemplo de saberes que podem ser organizados em forma de produto turístico criativo, que possa contribuir para o desenvolvimento de comunidades e seus territórios. As considerações finais reafirmam os benefícios do desenvolvimento do turismo criativo principalmente em Alagoas, uma vez que esse estado é privilegiado em termos de riquezas ambientais e culturais.

2 TURISMO CRIATIVO E REGIÕES POBRES

O turismo, após ter surgido juntamente com o período moderno (Barretto, 1995), em mais ou menos 200 anos se tornou uma das atividades de maior impacto econômico do mundo contemporâneo. Em conjunto, as atividades que formam o turismo constituem em alguns países mais de 10% do Produto Interno Bruto – PIB, representando em torno de 10 em cada 100 empregos em escala mundial (Edgell, 2015). A maior parte da contribuição econômica do turismo está associada ao turismo de massa. Entretanto, enquanto essa forma de turismo beneficia grandes grupos econômicos (redes de resorts e hotéis, empresas aéreas, locadoras de veículos, etc.), as populações das comunidades exploradas em países pobres tendem a arcar com os problemas ambientais, sociais, culturais e políticos causados pelo turismo de massa (Panosso Netto, 2010).

De uma forma geral, o turismo se organiza em torno de dois eixos principais, ou formas de turismo, a saber: 1. Turismo de massa, e 2. Turismo alternativo. Além disso, existe uma ampla tipologia de ofertas turísticas envolvendo esses dois eixos, como, por exemplo, turismo de sol e mar, turismo religioso, turismo de eventos, ecoturismo, turismo de aventura, turismo rural, turismo criativo, etc. (Silva, 2016). Ao passo em que os segmentos do turismo de massa tendem a provocar grandes mudanças locais e

regionais, marginalizando amplos contingentes da população residente dos benefícios da atividade, a forma alternativa de turismo se funda nas singularidades naturais e histórico-culturais dos lugares, valorizando e envolvendo os residentes na própria oferta turística, o que tem potencial de contribuir diretamente para a melhoria das suas condições de vida.

Foi por meio de uma turistificação conduzida com base principalmente no turismo de massa e impulsionada por um processo de globalização neoliberal, no qual parece ter havido uma perda de referências identitárias de amplos contingentes populacionais nos grandes centros urbanos metropolitanos, que as possibilidades de turismo alternativo emergiram, tanto em países desenvolvidos como em países pobres (Fullagar, Markwell e Wilson, 2012). Há um amplo espectro de ofertas relacionadas ao eixo alternativo, como, por exemplo, peregrinações (Howard, 2012), gastronomia (Parasecoli e Lima, 2012) e turismo voluntário (Callanan e Thomas, 2005), com base nas quais os visitantes desfrutam de experiências culturalmente enriquecedoras. Entretanto, embora esses tipos de turismo sejam alternativos, em muitos casos eles também causam impactos ambientais inaceitáveis. Assim, é importante que se realize uma análise crítica de cada iniciativa de desenvolvimento turístico. A despeito disso, de uma forma geral o turismo alternativo normalmente estabelece relações mais horizontais com o contexto econômico, social e cultural dos lugares. Por exemplo, além dos tipos de turismo alternativo mencionados acima, nos últimos anos emergiu o chamado *slow tourism* e *slow travel* (Timms e Conway, 2012), que se baseiam em um deslocamento mais lento dos visitantes e que valorizam as singularidades das localidades visitadas. Esse posicionamento está de alguma forma associado ao conceito de desenvolvimento sustentável (Ruschmann, 2006).

A crítica ao turismo de massa e a busca por alternativas na forma pela qual o turismo é ofertado criou oportunidades para o surgimento de novas abordagens na formatação das ofertas turísticas. Por exemplo, buscou-se crescentemente explorar experiências inovadoras; passou-se a enfatizar experiências enraizadas no lugar, nas atividades do dia a dia dos residentes, buscando-se criar formas criativas de ofertas, centradas na interação visitante/visitado. Esse tipo de experiência está relacionado à chamada economia criativa. Na opinião de Emmendoerfer *et al.* (2016), a economia criativa, centrada no conceito de território, pode ser entendida como uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável. Ao mesmo tempo em que valoriza os recursos, incluindo igualmente o patrimônio imaterial, a economia criativa busca articular questões sociais, ambientais e culturais nas iniciativas de desenvolvimento local. Por exemplo, para o governo brasileiro, com base na *United Nations Conference on Trade and Development* – UNCTAD, a noção de territórios criativos contempla quatro setores, a saber: 1) patrimônio cultural; 2) artes (artes visuais e artes dramáticas); 3) mídias (edição e mídia impressa, audiovisual) e 4) criações funcionais (*design*, moda, novas mídias, arquitetura, consultoria e propaganda (UNCTAD, 2008; 2012).

As experiências proporcionadas aos turistas por essas novas propostas de viagens de lazer representam uma oportunidade ímpar para que os visitantes possam experimentar uma ideia de lugar, uma experiência de alguma conexão com uma situação de alteridade genuína. No caso do turismo criativo, como uma forma alternativa de desenvolvimento turístico, os visitantes têm oportunidades de interagir com pessoas das comunidades visitadas, e, por meio dessa interação, trocar experiências que enriquecem culturalmente não apenas quem visita, mas igualmente, os visitados. Outro aspecto importante é que ao ofertar experiências centradas em serviços autênticos e únicos, diferenciando-se, portanto, de atividades lugar-comum, o turismo criativo

pode ser usado como um diferencial competitivo (Fagundes e Ashton, 2016), constituindo-se também em estratégia de diversificação da oferta turística local. Segundo Emmendoerfer e Ashton (2014, p. 458), muitos turistas viajam à procura de uma “... vivência autêntica e significativa, somente possível envolvendo as questões socioculturais e históricas que formaram determinada cultura”. Assim, o destino que oferece tal possibilidade, além de criar meios para sua valorização e fortalecimento cultural, fomentará oportunidades de desenvolvimento de atividades turísticas de baixo impacto.

3 O ESTADO DE ALAGOAS E SUA RIQUEZA CULTURAL

Alagoas é um dos menores Estados do Brasil. Encontra-se a leste do Nordeste brasileiro (Figura 1), possui 102 municípios e tem como capital a cidade de Maceió. Segundo o IBGE (2016), sua população residente estimada é de 3.358.963 habitantes. O IBGE-PNAD (2015) afirma que Alagoas possui uma taxa de urbanização da ordem de 73,90%, com uma densidade demográfica de 119,97 hab/km². A esperança de vida ao nascer é de 71,2 anos e a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos e mais é de 19,99%.

Figura 1. Mapa de localização do Estado de Alagoas



Fonte: Seplag-AL, 2018

Com relação ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, o Estado apresenta os seguintes dados (Tabela 1):

Tabela 1. Índice de Desenvolvimento Municipal em Alagoas

ANO	IDHM			
	Total	Renda	Longevidade	Educação
1991	0,370	0,527	0,552	0,174
2000	0,471	0,574	0,647	0,282
2010	0,631	0,641	0,755	0,520
2014	0,667	0,634	0,764	0,603

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil/Fundação João Pinheiro, 2013

Verifica-se melhoria progressiva nos índices dos últimos anos mas Alagoas ainda é um dos estados mais pobres do Brasil. Ocupa a nona posição em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) entre os nove estados do Nordeste e a última posição entre as 27 unidades federativas brasileiras. A economia de Alagoas é caracterizada por uma estrutura produtiva tradicional de baixa competitividade, destacando-se como produtor de açúcar e álcool carburante e expressivo crescimento do setor terciário. Alagoas possui 62% da população considerada pobre, segundo pesquisa Radar Social do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e “mais da metade de seus habitantes se beneficia do Programa Bolsa Família” (Carvalho, 2015, p. 9). O poder público e as atividades econômicas não têm sido capazes de oferecer a inclusão social para a maioria da população. A geração de renda e emprego não acompanha o aumento da população do Estado. Apenas cinco municípios dos 102 existentes em Alagoas são responsáveis pela geração de 63,80% da sua riqueza. A restante capacidade produtiva do Estado (36,20) é realizada pelos demais 97 municípios, os quais tem em sua maioria menos de 50 mil habitantes (91 municípios) e dentre estes, 57 municípios têm população abaixo de 20 mil habitantes. Ou seja, Alagoas se caracteriza por ser um Estado pobre com quase metade da sua população total (1.536.053 habitantes) vivendo em pequenas cidades com pouca capacidade de geração de renda e de oferecer boa qualidade de vida para os seus moradores.

Paradoxalmente, Alagoas é o Estado brasileiro que detém a maior diversidade de manifestações culturais populares, com destaque para os 29 folguedos e danças populares genuinamente alagoanos e que são fonte de referência para estudiosos e artistas de todo o país (Rocha: 1977, 1984). Em termos de artesanato e de outras manifestações materiais da cultura alagoana, o Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas, tendo como metodologia o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), vem identificando, documentando e registrando bens culturais de natureza imaterial que atingem o número de 1.000 referências (INRC-AL, 2016). Este patrimônio imaterial tem um potencial de gerar produtos que podem ser trabalhados em forma de turismo criativo como alternativa de desenvolvimento econômico. Infelizmente, e talvez por conta do seu atraso, as localidades onde são encontradas estas referências também não dispõem de infraestrutura para os seus residentes e muito menos para eventuais turistas. Falta saneamento básico, equipamentos de saúde, espaços verdes e de lazer estruturados e equipamentos de alojamento e de restauração em boas

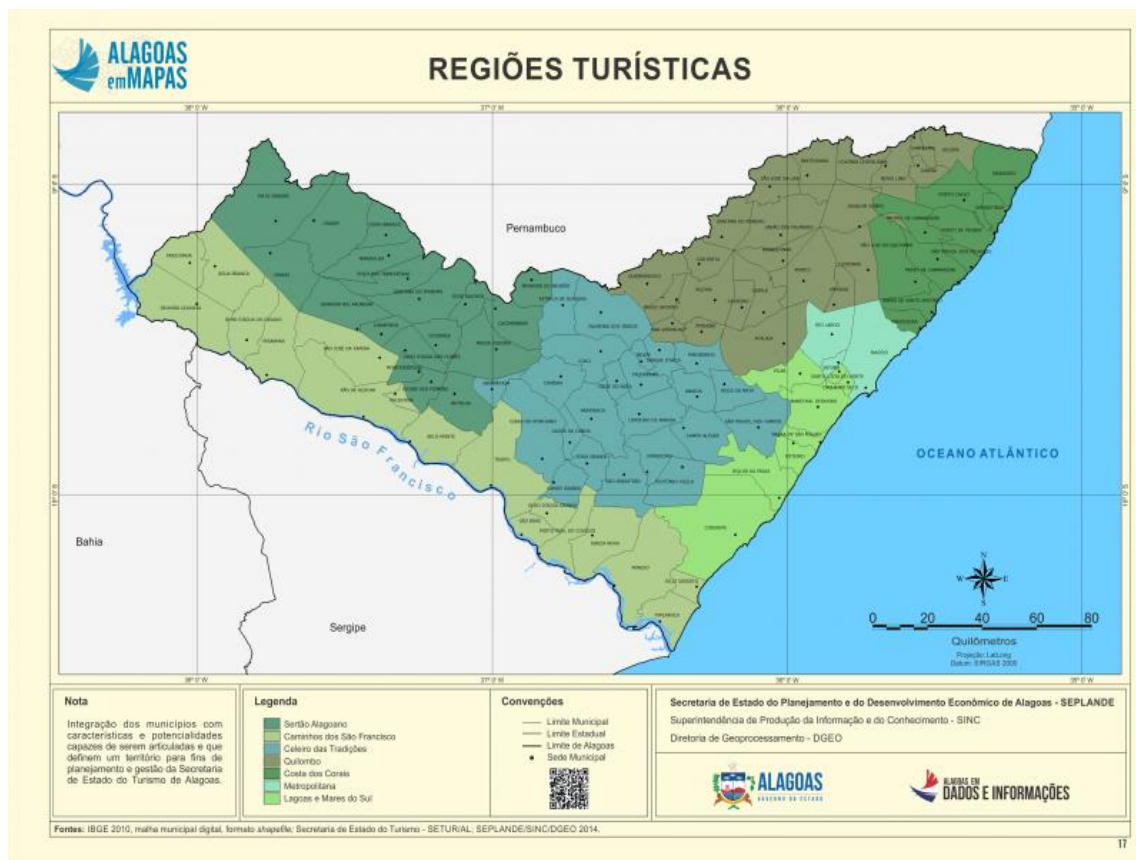
condições de atendimento (IBGE, 2010). Seria necessário, portanto, investimentos importantes para criar as condições objetivas para se explorar a grande base de recursos culturais do Estado.

A coleção “Fazer Popular – Mestres Artesãos de Alagoas” (Dantas, 2014) apresenta a produção de artesãos em diversas localidades alagoanas que, elaborada em condições de semi-isolamento das influências urbanas, reflete fortes componentes de cada um dos ambientes, configurando um artesanato de raiz que, segundo Dantas (2014), se refere à obra de forte vínculo com a comunidade onde o meio exerce maior influência do que as forças culturais e comerciais externas. Os artistas populares exercem seus saberes em diferentes materiais presentes nesse canto do Brasil. São objetos utilitários e rituais em **cerâmica** baseados em fontes culturais indígenas; são **cestarias** em piripiri, ouricuri e cipó² também de influência indígena cuja matéria prima é abundante nas margens dos rios e lagoas presentes no litoral alagoano; são objetos utilitários e figurativos em **madeira** trabalhados por artesãos habilidosos embebidos na resistência da criatividade popular; são vários produtos em **couro** que introduzido com o ciclo do gado, no Brasil colonial, são realizados por cada vez mais raros mestres seleiros, sapateiros e chapeleiros; são objetos em **metal** que apesar da sua industrialização ainda hoje são produzidos e vendidos também nas feiras e pequenos estabelecimentos do interior de Alagoas; são instrumentos musicais e objetos produzidos com o **coco** e a **cabaça**; são redes, mantas e tapetes, **tecelagem** de influência indígena que apesar da redução do número de artesãos, devido principalmente ao desaparecimento da cultura de algodão, ainda se consegue achar trabalhos feitos em velhos teares com técnicas antigas; são também variados objetos da arte popular em **materiais diversos** e finalmente **a renda e o bordado** como expressão feminina; onde as mestres bordadeiras alagoanas se destacam. Esta riqueza demonstrada pelos mestres e mestras artesãos/ãs seria suficiente para demonstrar a possibilidade de trabalhar estas atividades como produtos turísticos. No entanto, as 1.000 referências mencionadas anteriormente cobrem vários outros aspectos:(INRC- Alagoas, 2016) entre eles: **festas e celebrações** que participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e de território; **formas de expressão** que são formas não-linguísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região; **ofícios e modos de fazer** que se referem à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente; **lugares** que podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade e **edificações** em que além dos aspectos físico-arquitetônicos, são relevantes, do ponto de vista do patrimônio e das representações sociais a eles associadas, as narrativas que se conservam a seu respeito, eventualmente os bens móveis que eles abrigam, e determinados usos que neles se desenvolvem.

Há, portanto, uma variedade de aspectos que podem se tornar produtos turísticos com atrativos capazes de mobilizar turistas internos e externos, por suas características locais. Um outro aspecto interessante é que estas atrações estão distribuídas por todo o Estado criando sete áreas de potencial cultural e ambiental de interesse turístico conforme a Figura 2 e detalhadas a seguir:

² Fibras vegetais usadas para confecção de artesanato.

Figura 2. Regiões turísticas de Alagoas



Fonte: Seplog – AL, 2018

i) **Sertão Alagoano** com seu artesanato popular e sede de um bioma único: a caatinga cheia de segredos e belezas mostrando a convivência do sertanejo com o semiárido; ii) **Caminhos do São Francisco** que, ao margear esse importante rio brasileiro, apresenta atrativos que vão desde pinturas rupestres e sítios arqueológicos nas suas proximidades, à sua possibilidade de navegação, e aos cânions produzidos pela instalação de uma das maiores hidrelétricas do Brasil; iii) **Celeiro das Tradições** onde se concentram os artesãos, as festas, as formas de expressão e os lugares muito próprios de Alagoas; iv) **Quilombo** que engloba lugares que representam a resistência do povo afro-brasileiro em sua luta por liberdade e onde se verifica a influência deste povo na formação alagoana; v) **Costa dos Corais** que apresenta uma riqueza ambiental com 135 km de praias contornadas de coqueiros e falésias coloridas onde o mar tem um azul único com uma extensa faixa de recifes de corais formando inúmeras piscinas naturais e habitadas pela raridade da vida marinha; vi) **Metropolitana** que possui praias, edifícios e demais atributos, alguns deles, paradoxalmente ainda resistindo nas suas formas originais, incluindo a “renda singeleza” que será tratada na próxima seção e por fim, vii) **Lagoas e Mares do Sul** que também incluem paisagens atrativas com lagoas, rios, praias, manguezais, coqueirais, dunas e vegetação de restinga.

Esta descrição sucinta dos atributos e das fragilidades alagoanas conduz ao pensamento de que o turismo criativo para pequenas cidades, povoados e áreas rurais,

poderia ajudar na diversificação da economia com foco na geração de renda e de empregos. Isso poderia se dar por meio da criação de ofertas de turismo criativo com base na valorização dos amplos recursos culturais presentes no território alagoano. O caso da renda Singeleza no pequeno município de Paripueira, na Região Metropolitana de Maceió, ilustra o potencial transformador do turismo criativo no panorama rico e variado da cultura alagoana.

4 A “SINGELEZA” EM PARIPUEIRA

Tecida em uma minúscula rede de nós de trama simples, semelhante às redes tecidas pelos pescadores (Figura 3) e à trama que serve de base para a produção de outras rendas como o Filé, a Singeleza é tradicionalmente confeccionada com linha, agulha e um palito de coqueiro como suporte³. Durante as décadas de 1950 e 1960, manteve uma boa frequência de produção e foi comercializada em Maceió e Marechal Deodoro⁴. Contudo, no início dos anos 1970, a renda Singeleza entrou em queda gradativa de produção, ameaçada pela demanda das rendas industrializadas que se expandiam desde o início do século XX.

Nesse sentido, a confecção doméstica, largamente apreciada para o uso em peças de enxoval como lençóis, toalhas de banho, lenços de bolso e, sobretudo em peças do vestuário feminino como anáguas e saietas, enfeites de vestidos, blusas e saias, tanto para crianças como para adultos, foi sendo paulatinamente substituída. Como via de consequência, a confecção da Singeleza passou a ser produzida para o uso restrito das artesãs ou para atender a encomendas esporádicas, deixando assim de contribuir economicamente com a renda familiar.

Figura 3 - Renda Singeleza em processo de fabricação com o palito de coqueiro



Fonte: Arquivo do Projeto ‘(Re)bordando o bico Singeleza’, 2013.

³ Para a confecção da Singeleza são utilizados quatro elementos: a linha; a agulha e um suporte por onde se começa o trabalho. Esse suporte apresenta aspecto e material variados, podendo ser desde um talo de coqueiro ao espinho de mandacaru. Atualmente se observa a incorporação de outros materiais que cumprem aí o mesmo papel: raios de bicicleta e hastes de sombrinhas, cargas de caneta, palitos, entre outros. Além disso, faz parte do *kit* da artesã uma tesourinha para auxiliá-la no momento de cortar a linha (IPHAN: 2009).

⁴ O município de Marechal Deodoro, antiga capital do Estado de Alagoas, fica a 30 km de distância da capital Maceió.

No início dos anos 2000, a ameaça de extinção mobilizou a criação do projeto ‘(Re)bordando o Bico Singeleza’ em Marechal Deodoro, que objetivou a transmissão do saber-fazer o bico e renda Singeleza, garantindo a sua continuidade às futuras gerações. O projeto intencionava ainda difundir a importância da existência de guardiãs da memória coletiva em um grupo social, bem como da sua capacidade de inserção de um ofício tradicional feminino, como alternativa para a geração de emprego, ocupação e aumento da renda com reafirmação e apropriação cultural.

Iniciado em Marechal Deodoro, o projeto “(Re)bordando” ganhou parceiros e apoiadores que favoreceram a continuidade das oficinas que buscavam intensificar o processo de repasse da técnica e difundir o saber-fazer em outros municípios alagoanos, a exemplo de Maceió, Viçosa, Murici e Paripueira.

Em Alagoas, Estado que se define por suas potencialidades aquáticas, segundo termos expressos pelo historiador Dirceu Lindoso (2000: 45): “*é a água que faz de Alagoas uma realidade geográfica e cultural distinta*”, a cultura da pesca fez-se, nas cidades ribeirinhas, base da organização social do trabalho artesanal como fonte de sustento de um contingente populacional numeroso. Neste ambiente de trabalho predominantemente masculino, as mulheres destinam-se às tarefas domésticas e ao cuidado com os filhos. Dependentes financeiramente dos maridos, um número significativo dessas esposas e mães, mulheres artesãs de fios e agulhas confeccionam bordados e rendas.

Em Paripueira, as artesãs contam particularmente com o interesse de aprendizado da Singeleza, que se deu a partir da relação afetiva de uma moradora local⁵ que aprendeu a fazer a renda como “um tesouro que lhe foi transmitido pela avó”⁶ e sente a maior satisfação em ensinar a outras pessoas, como uma “missão” a cumprir. O conhecimento foi herdado da avó, Luzinete Valentin, que aprendeu a rendar com uma babá que veio de Portugal após tornar-se viúva.

As artesãs encontram-se regularmente em reuniões que ocorrem sempre em ambientes domésticos como o terraço de algumas casas. Geralmente dedicam-se ao ofício no período da tarde, depois que os afazeres domésticos (preparo do almoço e arrumação da casa) permitem. Para além da garantia do sustento da família, a prática do rendar é também, uma saída para a “falta de opção” do lugar, a “falta de perspectiva” como mulheres, mães e esposas.

Embalados por histórias de vida, os encontros são acompanhados de café, bolo, biscoito, enquanto enrolam a linha no pequeno palito de coqueiro e traçam trajetórias no ar, formando os pequenos nós e laçarotes que formam os desenhos na trama. É possível perceber como o evento se configura também como atividade de lazer, mas não apenas, pois, oportunamente, são reafirmados sentimentos de pertença e de identidade cultural. São ainda compartilhados saberes, valores e sentidos que configuram o universo

⁵ A senhora Jeane Valentin, 46 anos, neta de Luzinete Valentin, octogenária (falecida em março de 2015).

⁶ Viúva de um soldado que morreu na guerra (primeira Guerra Mundial), essa babá portuguesa falava que “as viúvas da Guerra ficavam tristes com a morte dos maridos. Aí uma instituição ensinou a elas a fazer Singeleza”. A avó, Luzinete Valentin, contava ainda que a babá **tinha a renda Singeleza como ofício prazeroso**. Mais ou menos em 1925 essa babá chegou a Maceió com uma família alagoana e foi depois contratada pelo seu pai [bisavó de Jeane] para ser preceptora de sua avó, pois havia ficado viúvo e precisava de alguém para ajudar a criá-la”. [Trecho de depoimento dado por Jeane Valentin, colhido por Josemary Ferrare e Adriana Guimarães, em maio de 2015, conjuntamente com as antropólogas italianas Vita Santoro e Antonella Iacovino, durante a permanência de ambas em Maceió dentro do Programa de Cooperação Técnica entre as Universidades da Basilicata – Itália e a Universidade Federal de Alagoas (grifo nosso).

simbólico dessas mulheres, que vêm encontrando na economia criativa apoio para conduzirem, com autonomia, a tessitura de suas vidas.

Incentivadas pela responsabilidade que assumiram como guardiãs de um raro saber, responsáveis, portanto, pela perpetuação e valorização de um tipo de prática cultural tradicional, as artesãs vinculadas ao projeto *Desenvolvimento das mulheres rendeiras da Singeleza em Paripueira, Alagoas*⁷, são hoje capazes, de reconhecer em sua atividade singular de rendeiras, potencial econômico gerador de mudança e de autoestima. Após dois anos de ações voltadas à capacitação e “aperfeiçoamento da técnica”⁸, as artesãs encontram-se atualmente constituídas como associação, Artecer⁹, produzindo peças para usos distintos, atendendo ao turismo criativo que vem se expandindo na região, sobretudo no litoral norte de Alagoas. Evidencia-se as singularidades de um produto que promove o desenvolvimento territorial, otimiza recursos materiais e imateriais e eleva a autoestima dos agentes locais. Na medida em que estão relacionadas aos costumes locais incentivam ainda a perpetuação e valorização de atividades tradicionais, contribuindo com a permanência das comunidades produtoras em seu habitat.

A experiência promovida pelo turismo criativo permite também a participação em atividades rotineiras favorecendo o visitante a sentir-se integrado ao seu destino. Hoje, muitas das artesãs comercializam as rendas enquanto as confeccionam, nas calçadas em frente às suas casas, enquanto observam as crianças a brincar na rua.

Como o trânsito de turistas é intenso, sobretudo na via principal de acesso ao litoral norte de Alagoas (AL-101 Norte), muitos param para observar, questionam e acabam por consumir os bicos, rendas e peças já prontas como colares, brincos, tiaras para cabelo, entre outros. Nesse sentido, é possível admitir que a prática proposta pelo turismo criativo se relaciona com a produção da Singeleza, em Paripueira, na medida em que oferece aos turistas a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo através da participação efetiva de oficinas de confecção do saber-fazer, bem como da vivência do ofício das rendeiras da Singeleza, em meio à dinâmica cotidiana que as caracteriza de forma singular. Confeccionada por artesãs que atendem como (re)produtoras de uma técnica tradicional, reconhecida como patrimônio cultural imaterial, a Singeleza se desenvolve predominantemente em suas residências. Dessa forma, é possível que os turistas participem do modo de viver típico da localidade e do grupo que o pratica.

No que se refere aos avanços alcançados do ponto de vista do desenvolvimento econômico, são as peças feitas por encomenda que vêm mudando a realidade financeira das rendeiras. A artesã Sônia Lucena, que também atua ministrando oficinas de transmissão do saber-fazer a renda Singeleza em instituições e organizações sem fins

⁷ O referido projeto foi vencedor do Prêmio Santander Universidade Solidária 18ª Edição, no ano de 2015. Tem como objetivo dar assistência a um grupo de artesãs, moradoras do município de Paripueira, com intuito de repassar o saber-fazer da renda Singeleza e capacitá-las para geração de renda a partir de seu ofício.

⁸ Entende-se por “aperfeiçoamento da técnica” o aprimoramento do saber-fazer, o que leva ao desenvolvimento de peças diversificadas e de grande formato como vestidos, camisetas, saias, panos de bandeja, colchas para cama, entre outros. Alguns núcleos de produção apenas confeccionam a Singeleza em formato de bico e renda, pois no passado eram muito apreciadas para compor peças de enxoval com aplicações em lençóis, toalhas de banho, lenços de bolso, e também peças de vestuário íntimo feminino, sobretudo na barra de anáguas e saietas, quando estas ainda eram de confecção doméstica, e não industrializada.

⁹ O nome Artecer, aglutinação das palavras Arte, do latim “*ars, artis*”, maneira de ser ou de agir, com a palavra Tecer, também do latim, *texere*, compor algo com a união ou sobreposição de fios (SANTOS *et. al.*, 2017).

lucrativos, diz que deve à Singeleza não só a sua “paz de espírito”, mas a melhoria da sua qualidade de vida:

Recentemente fiz um tratamento de dente que foi muito caro. Eu tive ajuda do programa do CESMAC¹⁰, que está ajudando as artesãs de Paripueira, mas precisei pagar pelo implante. As encomendas me ajudaram, em outros tempos eu não teria condição. O que ganho com a Singeleza já superou o meu salário como funcionária do Estado¹¹. Quando sou convidada para ensinar a Singeleza, ganho R\$ 200,00 por diária. Com esse dinheiro eu consigo me manter com mais tranquilidade, posso fazer planos (LUCENA, 2018).

281

Aos 63 anos, a artesã diz que já pensa em aposentar-se para ter mais tempo livre para confeccionar a Singeleza e atender à fila de encomendas.

A comercialização das peças é também realizada em feiras de artesanato e em atividades promovidas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), oportunidade em que as rendeiras também demonstram a técnica utilizada, pois enquanto aguardam a chegada dos fregueses, as artesãs mantêm-se ocupadas confeccionando peças em Singeleza. É frequente vê-las explicando aos visitantes como segurar a agulha, a posição correta dos dedos para que os nós fiquem firmes e não comprometam o alinhamento da trama, o cuidado com a contagem dos pontos para seguir o desenho anteriormente definido. É perceptível nas falas das artesãs o desejo em transmitir o saber: “Hoje, eu quero que todo mundo saiba a importância da Singeleza, e quero que muitas mulheres se dediquem a essa renda, que é um Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas”, diz Jeane Valentin.

Em breve as artesãs terão um espaço exclusivo para a comercialização e disseminação do ofício das rendas, em oficinas e *workshops*, visto que o recurso financeiro captado com o Prêmio Santander Universidade Solidária promoveu a compra de um imóvel que está em processo de finalização das obras de reforma. A associação de rendeiras, denominada Artecet, conta com 15 rendeiras colaboradoras. A futura sede localiza-se próximo à avenida principal da cidade, de fácil acesso, portanto, aos turistas que procuram pelas águas quentes do litoral alagoano.

O reflexo dos efeitos positivos já alcançados se mostram na autonomia conquistada pelas artesãs, no que se refere à capacidade de criação e diversidade de produtos. Antes limitados a aplicações de bicos em peças do vestuário feminino, já em desuso, ou utilitárias para uso doméstico como toalhas de bandeja e cobre jarras, passaram à produção de vestidos, saias, camisetas, xales, echarpes e acessórios adequando-se às atuais tendências da moda (Figura 4).

¹⁰ O projeto em questão, *Desenvolvimento das mulheres rendeiras da Singeleza em Paripueira, Alagoas* foi contemplado pelo Prêmio Santander 18ª Edição, na categoria Universidade Solidária, e executado pelo Centro Universitário Cesmac. O referido Centro Universitário realizou também um programa de saúde voltado para as artesãs, com atendimento nas clínicas dos cursos da área da saúde ofertados pela instituição.

¹¹ A artesã Sônia Lucena é funcionária da Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas. Aprendeu o saber-fazer a Singeleza em Marechal Deodoro, Alagoas, quando tinha aproximadamente 20 anos. Retomou a atividade quando participou da oficina do Projeto (Re)bordando o Bico e Renda Singeleza, ocorrida no Museu Théo Brandão, em Maceió, Alagoas, em 2007. A entrevista foi concedida em agosto de 2017 e teve a sua divulgação autorizada.

Figura 4 - Detalhe de vestido e camiseta em Singeleza



Fonte: Cavalcante, 2017.

O desenvolvimento do potencial econômico do delicado trabalho de rendar a Singeleza é ainda percebido em atitudes e gestos. Seguras do seu lugar na comunidade que as representa, é possível considerar posturas mais autônomas diante das dificuldades, por parte das artesãs. Na medida em que descobriram em si a capacidade em acessar respostas a anseios íntimos que no passado as levavam a doenças de ordem emocional como a depressão, conseguem construir uma nova realidade social e familiar.

Resilientes em seu processo, os laços de afeto, amizade e confiança, tecidos coletivamente enquanto praticam a atividade do rendar, também podem justificar tais mudanças. Antes dependentes financeira e emocionalmente dos parceiros, ao se perceberem fortalecidas e empoderadas, passam a conduzir os rumos da sua própria trajetória profissional. Acredita-se dessa forma, na expansão do turismo criativo como possibilidade de transformar a singularidade do processo de confecção da Singeleza, em benefício econômico e pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ampliação do poder de compra de países do sul global, faz com que os maiores destinos turísticos continuem sendo explorados, mas também propicia que novos destinos se abram para o interesse daqueles que querem e podem ampliar suas experiências turísticas. Em tempos de globalização busca-se também a identidade cultural e o diferente do tão homogeneizado panorama quase que pasteurizado dos *resorts*, parques temáticos e pacotes fechados em termos de lugares e grupos a conhecer. O turismo criativo tem o potencial de atender esta demanda que vem crescendo de forma rápida, apesar de que na visão de Beni (2004) o turismo de massa é o eixo mais lucrativo para as grandes empresas, pois oferece condições propícias à mobilidade de milhões de pessoas em busca de conhecer novos lugares ao redor do planeta. Becker (2001) salienta que com a ampliação da escala da acumulação de capital e das inovações tecnológicas, grupos sociais cada vez mais amplos passaram a gastar dinheiro com turismo. A promoção de atividades turísticas se tornou um produto a ser

comercializado, capaz de contribuir para a acumulação capitalista. Enquanto essas condições prevalecem no centro do sistema, nas economias periféricas há uma exploração às vezes antiética de comunidades e lugares marginalizados, como foi constatado por Kaspary e Araujo (2013), em Maragogi, Alagoas.

No entanto, assim como o turismo não é a causa das desigualdades também não pode resolvê-las. Para que o turismo seja uma das alavancas do desenvolvimento não bastam mudanças teórico-metodológicas e técnicas, mas também mudanças sociais de base e estruturais capazes de produzir novos territórios e novas relações de trabalho e consumo. No caso do Brasil não se pode deixar de afirmar que em nenhum outro período da sua história a atividade turística teve tamanha importância, recursos e investimentos como na administração Lula. No entanto para se alcançar resultados a longo prazo precisa-se continuar o planejamento, os investimentos e a regulação estatal (Moretti, 2005), entre outros.

Estudos recentes sobre turismo (Timothy, 2016) destacam a experiência do lugar como tendência para o turismo. Este tipo de turismo valoriza os recursos locais e a relação que se estabelece entre moradores e visitantes. Apesar de se poder ter essas experiências em grandes centros urbanos e elas contribuírem para a resiliência contra a gentrificação, considera-se que nos territórios em recessão econômica ou periféricos pode se estabelecer um modelo de turismo criativo diante das menores influências externas ao modo de vida local. Os pequenos municípios alagoanos com o seu rico patrimônio são o exemplo de um espaço potencialmente ideal para instalação deste turismo alternativo em contraposição ao modelo de turismo de massa atual que ignora as territorialidades antecedentes dos lugares, não demonstrando qualquer solidariedade com os interesses das comunidades locais. A voracidade da ocupação dos lugares pelos investimentos do turismo de massa, ameaçam as áreas naturais litorâneas de Alagoas que podem sofrer o que ocorreu em Cancun onde em poucos anos um trecho litorâneo com aproximadamente 20 km lineares de extensão foi completamente antropizado para dar lugar a *resorts*.

Os destinos de massa passam por um processo de territorialização que obedece a lógica da economia globalizada, centrado unicamente na competitividade, portanto negligenciando os interesses locais. O turismo criativo, entretanto, oferece oportunidades singulares de aprendizagem para os visitantes, por meio das quais o turista pode interagir com pessoas da comunidade hospedeira por meio de algum fenômeno singular, na forma como ele se manifesta no lugar. Dessa forma, artesanato, gastronomia, língua e dialetos, manifestações religiosas, artes e características naturais dos lugares podem ser usados para a criação de atrativos e/ou experiências criativas.

Como os municípios alagoanos são basicamente rurais e de pouca alternativa econômica para os moradores talvez o turismo criativo pudesse ser capaz de gerar emprego. A Associação Brasileira de Turismo Rural aponta que 97% dos ocupados nessa atividade se constitui de moradores locais e que 28% dessa força de trabalho é composta de familiares, indicando o potencial do turismo rural como alternativa de desenvolvimento local, com a fixação da população no campo e a manutenção da produção rural em pequenas e médias propriedades (Luchiari e Cerrano, 2002).

O caso da renda Singeleza em Paripueira, uma das 1.000 referências culturais de Alagoas, demonstra a potencialidade turística do Estado. Essas referências culturais, aliadas a uma riqueza ambiental considerável, única no Nordeste brasileiro em termos de praias calmas, cálidas, rios e lagoas, representam o potencial do turismo criativo na sustentabilidade dos territórios, a possibilidade de empoderamento e engajamento das comunidades locais em uma proposta de desenvolvimento participativo e inclusivo.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Sandro Alisson; ARAÚJO, Layane; CANTALICE, Juliana; MELO, Anderson; NEVES, Steffane Luiza. O uso de uma metodologia modelada para a construção de uma marca destinada ao grupo de artesãs da comunidade de Paripueira-AL. In: SEMANA DE DESIGN. **Anais da II Jornada Avia!**, Maceió: UFAL, nov/dez. 2017, num. 2, vol 1, ISSN: 2594-7575, DOI: <https://doi.org/10.17648/avia-2017-80723>.

BARRETTO, Margarida. **Manual de Iniciação ao Turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BECKER, Bertha K. **Políticas e planejamento do turismo no Brasil**. Caderno Virtual do Turismo, Vol.1, nº 1, pp. 1-7, 2001. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/2>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 2004.

CALLANAN, M; THOMAS, S. Volunteer tourism – deconstructing volunteer activities within a dynamic environment. In: NOVELLI, Marina. **Niche Tourism**, New York: Routledge, 2005.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação histórica de Alagoas**, 3 Edição rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2015.

DANTAS, Cármen Lúcia. **Mestre Artesãos das Alagoas: Fazer Popular**. 2 ed., Maceió: OAM, 2014.

EDGELL, D. L. International sustainable tourism policy. In: **Brown Journal of World Affairs**. Fall/Winter, Vol. 23, nº 1, pp. 25-36, 2015.

EMMENDOERFER, M. L; MENDES, J. da C; ARAÚJO, J. F. F. E. E; MATA, G. M. F. da. Centro histórico como território turístico criativo: um estudo em um destino turístico internacional no Brasil. In: **Revista Iberoamericana de Turismo – Ritur**, Penedo, Vol. 6, nº 1, pp. 73-93, 2016.

EMMENDOERFER, M. L; ASHTON, M. S. G; Territórios criativos e suas relações com o Turismo. In: **Turismo & Desenvolvimento**, Vol. 4, nº 21/22, pp. 459-468, 2014.

FAGUNDES, Camila; ASHTON, Mary Sandra Guerra. A Oferta turística em Bonito, Mato Grosso do Sul, Brasil: o potencial criativo como diferencial competitivo. In: **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Vol. 8, nº 1, pp. 1-15, 2016.

FULLAGAR, Simone; MARKWELL, Kevin; WILSON, Erica (Eds.). **Slow tourism: experiences and mobilities**. Bristol: Channel View, 2012.

HOWARD, Christopher. Speeding up and slowing down: pilgrimage and slow travel through time. In: FULLAGAR, Simone; MARKWELL, Kevin; WILSON, Erica (Eds.). **Slow tourism: experiences and mobilities**. Bristol: Channel View, pp. 11-24, 2012.

KASPARY, M. G. A. R; ARAUJO, L. M. Respostas locais para o desenvolvimento do turismo na costa do Nordeste do Brasil: o caso do município de Maragogi, no Estado de Alagoas. In: **Scientia Plena**, Vol. 9, pp. 1-11, 2013.

IPHAN. **Dossiê Singeleza: uma história de renda e de mulheres**. Registro do Modo de Fazer o Bico e a Renda Singeleza em Marechal Deodoro e demais Municípios Alagoanos. Maceió: IPHAN, 2009.

INRC-AL. **Mapeamento do Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas**. Maceió: IPHAN/AL, 2016, não publicado.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Ed. Catavento, 2000.

LUCHIARI, M. T. D. P; SERRANO, C. Tourism and Environment in Brazil. In: HOGAN, D. J; BERQUO, E; COSTA, H. S. M. (Eds.). In: **Population and Environment in Brazil: Rio+10**. Campinas: CNPD/ABEP/NEPO, 2002.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo 2007/2010: uma viagem de inclusão**. Brasília: MTur, 2007.

MORETTI, E. C. Políticas públicas e regionalização no Centro-Oeste brasileiro pela e para a atividade turística. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo: USP, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre, **O que é turismo**. 1 Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PARASECOLI, Fabio; LIMA, Paulo de Abreu. Eat your way through culture: Gastronomic tourism as performance and bodily experience. In: FULLAGAR, S; MARKWELL, K; WILSON E. (Eds.). **Slow tourism: Experiences and mobilities**. Bristol: Channel View Publications, pp. 69-83, 2012.

RICHARDS, G.; RAYMOND, C. Criative tourism, **ATLAS News**, nº 23, pp. 16-20, 2000.

ROCHA, José Maria Tenório. **Folclore Brasileiro: Alagoas**. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / Secretaria de Assuntos Culturais, 1977.

ROCHA, José Maria Tenório **Folguedos e Danças de Alagoas: sistematização & classificação**. Maceió: Secretaria de Educação e Cultura de Alagoas / Comissão Alagoana de Folclore, 1984.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**, 13 ed., São Paulo: Papirus, 2006.

SILVA, Thassia Ramalho Perciano da. **Territorialização turística das pousadas da rota ecológica, litoral norte de Alagoas**. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal de Alagoas, Centro de Tecnologia, Maceió, 2016.

TIMOTHY, Dallen, **The Heritage Tourist Experience**, London: Routledge, 2016.

TIMMS, Benjamin; CONWAY, Dennis. Slow tourism at the Caribbean's geographical Margins. In: **Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment**, Vol. 14, nº 3, pp. 396-418, 2012.

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development. Creative Economy Report 2008. **The Challenge of Assessing the Creative Economy: towards Informed Policy-making**, 2008.

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development. Creative Economy Report 2010. **Creative Economy: a feasible development option**, 2010.

The opportunities for creative tourism in Alagoas, Brazil: the case of ‘Singeleza’ lacework in Paripueira

Abstract

Creative tourism represents an alternative form of transformational development since it involves people, communities and tourists in an exchange based on the value of local knowledge. In the case of Alagoas, one of the poorest States in Brazil but with a potential environmental and cultural value that is recognized throughout the world, mass tourism is predominant. While this is generally exclusionary, creative tourism can be a means of ensuring the survival of communities and the environmental preservation of local culture. The “Safeguarding the Intangible Cultural Heritage” project in Alagoas has the task of identifying cultural assets of an intangible nature and these have amounted to 1,000 referenced items that can apply to goods and services or experiences related to tourism. Throughout its history,

Alagoas has undergone a form of economic inertia with most of the population suffering from poverty. The case for marketing the Singeleza lacework in the small town of Paripueira, illustrates the transformative power of creative tourism in the cultural and economic sector of Alagoas. The lacemakers are increasing their household income and achieving a degree of autonomy. Designated as a cultural asset of an intangible nature in 2013, the marketing of Singeleza lacework assists people in boosting their income, and preventing the disappearance of this traditional form of embroidery. Although their manufactured goods continue to be restricted to groups located in small towns, they are strengthened by close relationships, which pervade the period of their learning and are handed down to future generations by their mothers and grandmothers.

Keywords: *Poverty. Small Cities. Cultural Heritage. Sustainability of Territories.*

Artigo recebido em 02/09/2018 e aceito para publicação em 23/10/2018.